



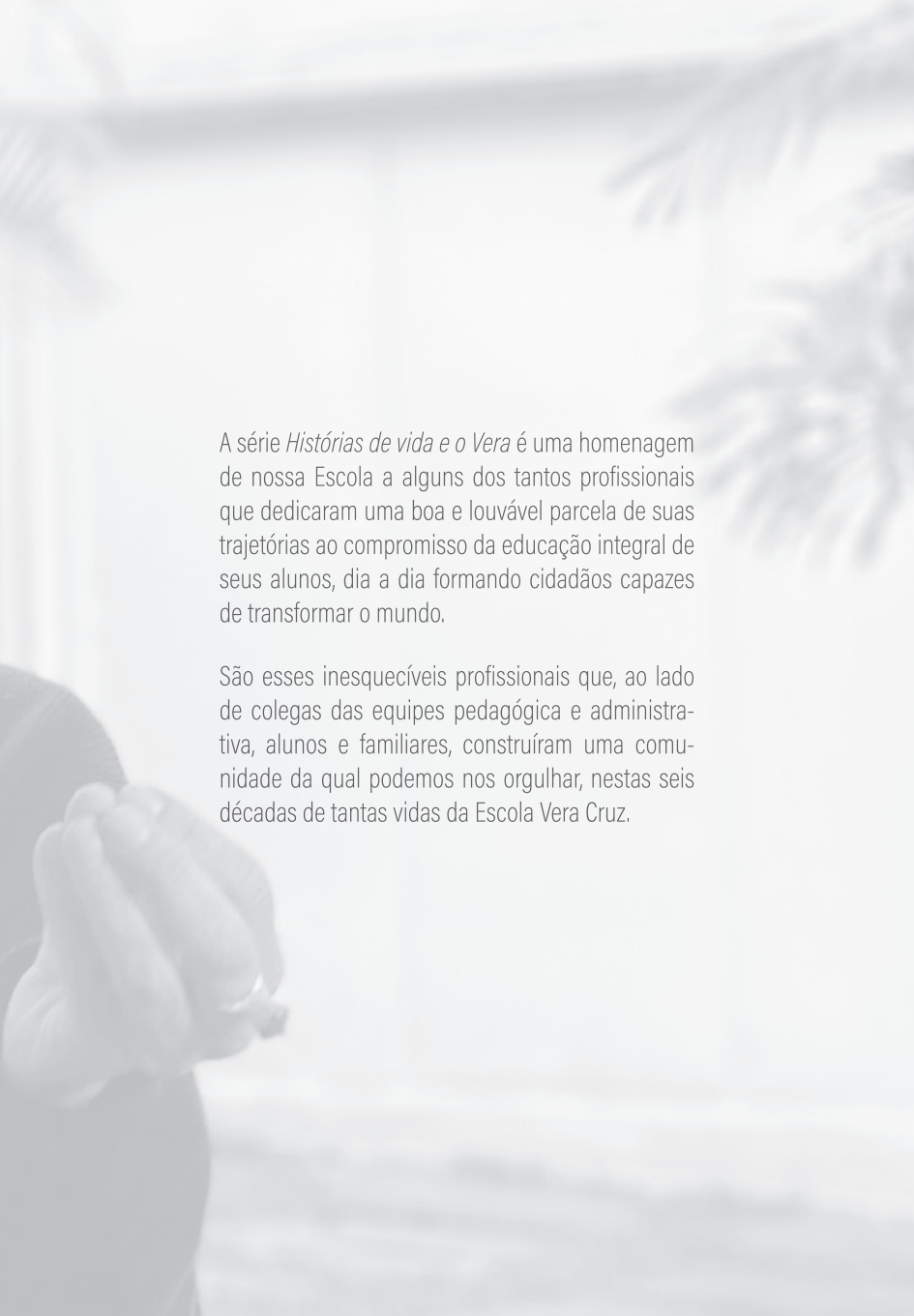
Histórias de vida e o Vera

A gente não deixa
de ser professora nunca



Maria Celina Pinto de Gusmão

Professora especialista de Artes, Ensino Médio

A person's hands are clasped in prayer, positioned in the lower-left foreground. The background is a soft-focus outdoor scene featuring palm trees and a bright, hazy sky. The overall image has a light, ethereal quality with a muted color palette.

A série *Histórias de vida e o Vera* é uma homenagem de nossa Escola a alguns dos tantos profissionais que dedicaram uma boa e louvável parcela de suas trajetórias ao compromisso da educação integral de seus alunos, dia a dia formando cidadãos capazes de transformar o mundo.

São esses inesquecíveis profissionais que, ao lado de colegas das equipes pedagógica e administrativa, alunos e familiares, construíram uma comunidade da qual podemos nos orgulhar, nestas seis décadas de tantas vidas da Escola Vera Cruz.

Escola Vera Cruz

Direção Geral: **Heitor Fecarotta**

Direção de Gestão: **Marcelo Chulam**

Direção Pedagógica: **Regina Scarpa**

Histórias de Vida e o Vera

Coordenação, entrevistas e edição de textos:

Claudia Cavalcanti (Casa Vera Cruz)

Projeto gráfico: **Kiki Millan** (Casa Vera Cruz)

Retrato da capa: **Claudia Cavalcanti**

Pesquisa de imagens/Arquivo Vera Cruz:

Priscila Pires (Comunicação)

Apoio: **Araceli de Carvalho** (Casa Vera Cruz) e **equipe de Recursos Humanos**



Coordenação da produção documental:

Suzana Lopes Salgado Ribeiro (Fala Escrita)

Transcritores: **Ana Claudia Moreira Rodrigues, Ana Júlia Paim, Antonio Ernani Wanderley Bueno de Godoy, Daniel Cimatti e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

Captação de vídeo:

André Nascimento e Carlos Eduardo dos Reis

Roteiro e edição de vídeos: **Fernando Brook, Iokisa Takau Junior e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

A captação em vídeo e áudio de todos os depoimentos foi feita na Escola Vera Cruz, em outubro de 2021.

Celina começou a trabalhar no Vera em 1982.
Ela se despediu da Escola no final de 2020.

A gente não deixa de ser professora nunca

Rascunho do presente, desenho do futuro

Fiz licenciatura plena na Faap. Me formei em dezembro e minha filha nasceu em janeiro, então foi um ano de aprender a ser mãe até a vida começar a andar, tudo ficar engatilhado. Comecei a procurar um estágio, porque eu queria trabalhar em escola; na faculdade, já percebi que era mais pra educação do que pra parte de artista, apesar de eu sempre ter desenhado, de ter feito minhas coisas, nunca parei, mas o lance era educação. Sempre tive essa coisa mais voltada para educação, pra sala de aula, pra lida em sala de aula, do que pra artista. Até parei um tempo e depois falei: "Não, espera aí. Pra dar aula de Artes preciso continuar trabalhando com as minhas coisas, com meu desenho".

Meu estágio no Vera durou um semestre. Comecei em março, saiu uma professora e me chamaram pra assumir a sala dela, 4ª série, hoje 5ª ano. Tive que pegar o touro a unha, uma moçada pré-adolescente. Foi uma experiência incrível. Fiquei

no Fundamental; era uma área que estava passando por um processo de mudança, na área de Artes. Alguns desejos e anseios de mudança. Aí, se formou uma trinca que foi maravilhosa: eu, Suca Mazzamati e Laura Barbosa. Juntas, com a batuta da Suca como assessora, a gente foi construindo uma área de Artes pro Fundamental 1. E foi sensacional. Era uma coisa bem junto, de ir costurando, lapidando, devagarinho, sem deixar de lado os princípios básicos, mas mudando umas coisas que a gente achava que já tinham que mudar pela demanda, pelo tempo. Umhas coisas caducam, outras a gente tem que manter por uma questão de princípios, mesmo. Foi uma trinca que funcionou muito bem, apesar de que a Suca tinha esse contato mais com o pedagógico e o corpo técnico da Escola; mas era tudo construído muito junto. Era pensado muito junto, era feito muito junto. Foi um aprendizado. Foi aí que aprendi meu ofício de dar aula. Foi nesta lida que fui sacando que meu negócio era dar aula.

Nós três tínhamos essa coisa, essa pegada, vamos dizer assim, de "bora?". Era uma coisa que era um ateliê, mesmo. Umhas casinhas geminadas com um corredor. Cada turma ocupava uma salinha, cada professora numa sala. Um professor pegava a 2ª série e acompanhava até a 4ª, com o orientador. Então tinha também essa coisa gostosa, de você ir acompanhando uma turma ou aluno durante três anos. E a gente ficava num quintal, um

quintalão. Era uma coisa de experiência mesmo, de investigar, de brincar também, mas sempre alimentando um pouco essa verve da experiência: “Vamos experimentar!”. As crianças faziam fogo, faziam pão... Tinha uma efervescência de experimentação incrível. Depois de encontrar alunos já adultos, velhos, pais de família, eu ouço: “Nossa, a coisa que eu mais lembro da sala de Artes era o pão” [risos]. E era uma coisa horrorosa. Um amassado, com muito sal — enfim, era essa coisa da experimentação, de pôr a mão na massa mesmo, concretamente.

Até hoje funciona um pouco assim, o Fundamental 1. São as mesas já organizadas pro trabalho. Mesa de desenho, mesa com material de argila e mesa com coisas de sucata e materiais para construção. A criança vai circulando naqueles espaços, cada uma tinha o seu tempo. Tinha alunos que ficavam semanas fazendo a mesma coisa, até uma hora que você falava: “Não, pera aí, vamos...”. Dava pra ter esse acompanhamento mais individual do projetinho ou da experimentação de cada aluno. Alguns já tinham essa visão de projeto, de começar um trabalho com várias etapas, se organizar e tal. Outros ficavam na experimentação imediata. Era a hora de a gente sentar com a pessoinha e falar: “Vamos fazer outra coisa, a partir daqui?”. Aí, Suca parou de dar aula, mas continuou como assessora, mas a gente conseguiu manter essa estrutura de

funcionamento, essa metodologia de ateliê, de prática mesmo. E quando tinha projetos interdisciplinares, a gente se juntava com a área de Ciências, com a área de Português... Enfim, com as diferentes áreas, pra podermos ter esses projetos coletivos. Era uma farra boa.

Tinha também uma coisa que pra você escolher e desenvolver um trabalho, porque tem horas que você precisa aprender a lidar com algum material. Então, tinha as aulas mais dirigidas: "Vamos fazer argila". Como se prepara, como se bate. A gente tava sempre nesse movimento de, de vez em quando, dar uma aula mais diretiva, mais conduzida, para todos experimentarem uma determinada técnica. Foi uma experiência incrível. As parcerias com as professoras também, um pessoal por quem até hoje eu tenho muito carinho, muito afeto. Impressionante.

Do menor pro médio

Quando começou o Ensino Médio, uma amiga minha foi dar aula lá, Márcia Cirne Lima. E quando ela resolveu sair, me chamaram já no começo do ano, e eu fiquei naquele dilema, porque eu estava começando uma turma de 2ª série, tinha mais dois anos com aquela turma. Mas fiquei muito tentada a experimentar uma coisa nova. Já estava havia mais de 20 anos aqui. Pensei:

“É um desafio bom, acho que adolescente me assusta, mas eu quero topar essa parada”. E fui. Meu desejo real, que não foi possível, era permanecer nas duas Unidades. Ficar aqui, no Verão, e ficar na Baumann, porque a carga horária lá era bem menor. Mas o problema foi conciliar as reuniões, as demandas extraclasse. Aí, foi uma coisa que tive que escolher. Escolhi o Médio.

Foi um desafio e tanto. Foi um começo “uau”. É outra praia, muito diferente. Porque quando você tá com os pequenos, nesse sistema de oficina, a coisa vem muito rápida, essa relação intenção-forma-conteúdo. Primeiro, porque não tem toda essa teorização, ela acontece mais espontaneamente. Fazer pensar, escolher e, enfim, tá tudo muito junto e a resposta deles é muito rápida. Com adolescente é diferente. Não dava pra manter, e nem queria, esse esquema de ateliê, porque é outra demanda, outro momento, outra fase de amadurecimento, a autocrítica é muito forte, as expectativas são outras.

Tive um período de adaptação, pra sair desse esquema de mesinhas: ficavam todas arrumadinhas e a gente trançando entre as mesas, e passei a ser essa figura que tava ali, coordenando aquele grupo. Mas deu pra conciliar isso de projeto pessoal, do fazer individual de cada um, com uma coisa mais dirigida, com propostas mais encadeadas, de projetos mais

a longo prazo. Esse pensar vai ficando com mais substância, mais encorpado, mais forte, então dá pra você puxar mais também: “Olha, você quer fazer isso, mas como você vai fazer? Por que você vai fazer? Por que essa escolha e não a outra?”. Tinha esse espaço da escolha, mas era mais dirigido. E a coisa da técnica, de aperfeiçoamento técnico, também acontecia. Tipo xilo, pegar a goiva, como é que pega, coisa técnica que é preciso. Até me lembrei numa frase que o [artista plástico] Carlos Fajardo fala, que eu adoro: “Arte não se ensina, se aprende”. Essa parte da técnica é um pouco por aí, que se você dá uma ferramenta, dá o alimento, o que o aluno faz com aquilo? Ele vai quebrando a cabeça um pouquinho.

Fiquei dando aula lá pra 1º e 2º ano, dividindo a área com o Paulo Padilha [professor de Música]. Quando entrei, eram três áreas: Música, Teatro e Artes Visuais. Os grupos se dividiam, os alunos faziam a opção por uma das três áreas, e éramos três professores. Era optativo: no início do 1º e do 2º ano, o aluno faz a opção do curso que ele vai seguir até o final do ano. Então, a gente também tem que pensar num planejamento, num curso que não seja continuidade um do outro. Eles são autônomos, mas conversam. Porque tem quem queira repetir o curso que fez no ano anterior. É um desafio e tanto, mas é dinâmico pra caramba.

Inhotim virou uma viagem do 3º ano. A ideia era ir juntando outras áreas: Artes Visuais, Linguagens, tinha um pouco de Biologia. Os professores que se interessavam podiam ser incluídos nessas viagens ou no projeto, porque não ficava só centralizado na área de Artes Visuais. Cris, professora de Língua Portuguesa, e eu centralizávamos. E o Carlos, professor coordenador, também da área de Geografia, entrava com questões relativas ao conteúdo dele. Depois é que tinha essa viagem de discussão, mas não era pré-requisito fazer Artes, era uma outra coisa. Era o projeto "Arte e Sociedade". Como é que, por meio da arte, você fala ou coloca questões do mundo? Como você lê as questões do mundo contemporâneo? Pra mim, isso era demais. Todo mundo pergunta: "Mas você vai pela sexta vez, você não cansa?". Não cansa, porque cada turma é uma viagem diferente. Era, né? Eu ainda falo "é", porque eu ainda tenho esperança de um dia voltar [risos]. A gente não deixa de ser professora nunca.

O fechamento desse projeto no Inhotim é uma intervenção e uma ocupação do espaço escolar. A gente também foi lapidando isso a cada ano, e cada ano mais um pouquinho, e chegou num formato muito interessante, muito legal. E os meninos iam de cabeça. Eu sempre achava que precisava de mais tempo,

que não era assim que se faziam as coisas [risos]. Eu era a pentelha das Artes. Falava: "Ó, gente, não vai dar certo esse negócio. Tem pouco tempo, cada um tem que fazer com calma".

No fim, eles faziam a mágica deles lá e a Escola não abria mão de que tinha que ser daquele jeito, seguindo aquelas convenções, aquelas normas e os limites, e saía tudo muito legal.

Do médio pro maior

Acho uma delícia quando ex-alunos entram no Facebook ou me chamam, no Instagram, pra tomar um café, porque querem falar da faculdade de Artes. Isso não tem preço que pague. Isso é "uau!"; é muito bom! Era isso mesmo que eu tinha que fazer. O ofício foi bem-feito, tá tudo certo. Mas você atingir a todos e de maneira igual ao mesmo tempo, com o mesmo tesão ou o mesmo frisson por aquela área de conhecimento, você não consegue. A gente até quer, mas não é assim. Tem aqueles que se identificam mais, aqueles que não.

Essa experiência também é uma coisa que eles carregam. Uma aluna que também tem meu Instagram, ela desenha e eu a sigo. De vez em quando, eu comento os desenhos. Aí, ela postou uma foto da exposição da Regina Silveira, e ela falou:

"Ai, que saudades da aula da Cel!" [risos]. Também morro de saudades. Esses momentos, de sair um pouco da Escola e fazer outras coisas, eu acho uma delícia. Morro de saudade de sala de aula. Muito, muito. Desse contato olho no olho com o aluno.

Despedida na pandemia

Ano passado [2020] foi o ano da minha despedida, eu já tinha decidido que eu ia sair. Aí, veio esse curso online, a pandemia. Foi muito difícil, porque eu sou uma pessoa do tipo: "Gente, esse trabalho não tá bom, vamos pensar aqui e tal". Uma vez o aluno bateu de frente: "É assim que eu quero. Essa é a escolha que eu fiz". Daí, uma aluna falou: "Ô, meu, cala essa boca. É a primeira professora de Artes que fala pra gente que o trabalho não tá bom, cara" [risos]. Vivi coisas assim, muito divertidas, muito gratificantes. E coisas difíceis, com aluno, às vezes situações da Escola mesmo. Sempre foi uma beleza, um mar de rosas? Não, mas fui levando. Foram 38 anos.

A gente nunca sabe como vai ser de verdade o último ano. Mas tinha uma expectativa de como seria, o que eu queria fazer. Seria meu último grafite com os alunos da 2ª série. Seria meu último Inhotim com alunos. Então, estava me preparando pra um último ano, pra essa despedida, E de repente veio a danada e aí eu me

confinei e foi um exercício muito difícil. Foi chegando perto do fim do ano, não tinha nada de expectativa, de volta, zero. E tem aquela coisa de que não se sabe quem tá com você na tela. Tem os seres hediondos, os avatares que eles colocam para que você não saiba quem é aquela pessoa — tem as iniciais, mas como é que você vai saber? Quem é aquele ser? Então, as conversas, no começo, eram muito difíceis, porque parecia que eu estava falando com o Além, sei lá, com uma entidade, um ser lá de outra dimensão. Era uma coisa meio esquisita. No começo, fiquei muito chateada de eles não responderem. Eu cobrava, enchia o saco. Depois, eu fui me acalmando. “É o que temos, é assim que é e é assim que tem que ser.”

Foi um desafio, também, mudar o planejamento. Como é que eu vou dar aquilo que eu acredito que tem que ser, o fazer, a mão pensante, eu, longe, sem estar lá pra ver? Então era um desapego também. Deixar o cara ir, se estivesse a fim, por conta própria, um pouco. Teve uma adesão até que legal. Aí, falei: “Vou dar aula pra esses caras”, e foi o que eu fiz. Foi pra eles que eu dei aula, pros que estavam ali. E foi até chegando mais gente, no decorrer do processo, foram aparecendo mais alunos nas aulas. Eu não checava, confesso, mea culpa; eu não checava quantos apareceram numa aula minha. Então tinha lá aqueles que abriam a câmera e conversavam comigo e

participavam etc. Recebi muito trabalho bom. Apareceu muita coisa legal. E tive que lidar com essa coisa que eu odeio, que é a tecnologia.

Também tive que me adaptar à linguagem da tecnologia. Porque comecei a fazer umas demandas. Muita coisa de fazer, porque na 1ª série a gente trabalha com desenho. Trabalhei desenho com eles, mas uma proposta que fosse mais prazerosa e que tinha a ver com aquilo que eu estava passando. Então, tive também que inventar outras aulas, outras propostas de desenho e de fotografia. Comecei a trabalhar mais com a linguagem da fotografia, com o desenho e a colagem virtual. Me obrigou a ingressar um pouco nesse universo, mesmo sem vontade. Mas, mesmo assim, acho que eles me ajudaram muito. Eles foram muito parceiros, foram muito legais, porque eles também estavam ali na mesma, naquela condição, que pra eles era horrível. E recebi muito retorno legal, que essa atividade ou essas propostas aliviavam um pouco a demanda de lição de casa. Por conta da pandemia, os alunos trabalhavam mais, tinham mais coisas pra fazer. Eu era mais flexível no tempo de entrega. Tinha uma coisa de troca e essas conversas pelo chat: "Olha, eu tô pensando em fazer assim... eu fiz assim. Estou desenvolvendo um trabalho 'x', posso mandar os desenhos pra você ver?" Aí, a gente conversava.

Na verdade, eu acho que sempre foi um pouco assim, mas foi muito mais no papel de diretora de arte, orientando, do que se estivesse numa sala de aula. E o curso de Eletivas, que era uma aula mais expositiva, História da Arte, enfim, arte moderna e arte contemporânea, e ver como as coisas se desdobraram até hoje, no fim, foi de muita conversa. Tem que ser visual, bastante. Mas, eles curtiram. Os alunos presentes se mantiveram fiéis do começo até o fim. O número de inscritos no meu curso foi menor, então deu pra levar, e eles foram “parceiraços”. Os meninos e meninas foram ponta-firmes. Acho que pra eles deve ter sido muito difícil.

E quando chegou ali, naquela reta final, foi me dando um negócio. Aí, fui um dia só na Escola, e lembro que tinha que dar três aulas. Foram pouquíssimos alunos e eu pensava que com mais alunos pelo menos me despediria de um pouquinho mais. Não de todo mundo, mas me despeço desses alunos em sala de aula. Mas foram pouquíssimos alunos. No comecinho da volta, na primeira mobilização para os alunos voltarem, e aquele poquitito de gente. Tive que ficar numa sala, mas a tecnologia me quebrou as pernas. Era um telão aqui, uma câmera ali. Eu e uma camerazinha apontada pra mim. Aqui acontecendo um monte de coisa que eu não podia ficar o tempo inteiro assim. Fiquei tão desconcertada que pa-

rei depois de dez minutos. Pensei: “Gente, não. Não vou dar a minha última aula desse jeito. Sem ninguém nessa sala, com as carteiras todas vazias, com uma câmera olhando pra mim, um negócio aqui atrás que eu não estou sabendo o que tá acontecendo. Não dou conta”.

Naquele dia eu fiquei bem mexida, saí acabada. Me deu uma coisa, uma tristeza. É muito tempo de sala de aula, é muita história. É muito caso divertido, muita coisa chata também, mas teve muito assunto, pra, de repente, aquela camerazinha olhando pra mim. Ah, não! Mas depois teve uma despedida legal, a Ana [Bergamin, coordenadora] organizou, uma querida, os alunos foram queridos. A Isa Lotito [professora de Dança] foi sensacional, o Paulo Padilha também. Teve uma festa na Escola. Tinha uma apresentação do FestiVera, no final do ano. Fui pra ver o FestiVera. Aí, eu vi que tinha uma movimentação: “Espera! Não entra!”. Falei “Ihh, esse negócio tá esquisito”. Depois tinha uma super-homenagem, chorei pra caramba. Foi uma coisa muito emocionante. Foi linda, a despedida foi linda. Ganhei esse anel maravilhoso, que eu uso. A despedida não foi do jeito que eu imaginei, de pegar todo o ano, de fazer todas as atividades. E tinha um projeto de novo Ensino Médio. Ana me queria junto pra ir pensando nessas questões todas dessa mudança que tá havendo.

Filhos, afetos

Entrei quando a Chica tinha 1 ano. Tenho uma gratidão, um reconhecimento enorme, porque a Chica foi da primeira turma do Ensino Médio do Vera, então ela fez o Vera de cabo a rabo. E Pedro também. O Pedro tem 35; Chica, 41. Era tudo muito novo, e eu me encantava com as coisas que ela chegava contando de como era a Escola.

Vejo hoje esses meus filhos — e já sou avó —, profissionais na vida já, eu acho que tudo que eles são como profissionais, como pessoas, também tem, logicamente, do que foi a história deles aqui no Vera. Isso é uma coisa que eles também reconhecem. A Chica uma vez me contou que estava no trabalho e perguntaram de que escola ela vinha. “Vera Cruz.” E eles: “Ahhh”. É uma coisa que tem reconhecimento. Tem uma coisa na argumentação, na participação da conversa, em como se colocar, estar no lugar. Eu acho que isso é um reconhecimento pra vida, essa formação que os meus filhos tiveram aqui na Escola. São hoje superprofissionais, e estão superbem. Enfim, essa parte acho que tem uma pegada Vera Cruz, nessa formação deles, nessa constituição deles é muito forte.

O que me encanta também são os amigos, a turma de amigos. Os amigos da Chica mais queridos e amigas são do Maternal, até hoje. Não sei se porque foi a primeira turma que fez o Médio, então eles foram nessa trajetória até o final. O Pedro também, menos um pouco que a Chica, mas os grandes amigos são do Vera, lá do "Verinha". Isso eu acho uma coisa admirável.

Tem aqueles também que falam: "Nossa, mas lá é tudo alternativo". O que é que você entende por isso? Pra mim, foi onde eu construí a minha vida profissional. Onde tive certeza de que esse era meu ofício. "É aqui. É sala de aula, é essa lida direta com aluno." Às vezes fico pensando, com esse novo Ensino Médio, com essas questões que ele tá trazendo com a linguagem e a tecnologia, como é que eu me sairia. Já sou meio estabana-da, ia ser uma beleza [risos]. Mas tá na hora dessa moçada vir e mostrar coisa nova. Porque chega uma hora que você também fala: "Missão cumprida, tá tudo certo, tá tudo bem. Foi tudo bem-feitinho, foi legal".

Acho que devo muito à Escola. Lucília Bechara [ex-diretora] foi a pessoa que me contratou, foi minha coordenadora por muito tempo. E a relação que ela tinha com a gente, professores,

era uma coisa incrível. A Lucília era uma pessoa que comprava a ideia. Tem outras pessoas, tem muita gente pra falar [risos]. Muitos queridos. Ana Calero, que foi uma pessoa incrível, foi orientadora da minha filha, impecável. Foi também minha orientadora quando eu era professora, no Ensino Médio.

Falei as coisas que eram mais importantes pra mim. Isso do vínculo, da relação legal. Falei dos filhos, era uma coisa que pra mim foi muito importante também. E as coisas que você vive na sua vida pessoal, fora da Escola, e que, de repente, tive, em momentos muito difíceis, uma acolhida incrível, dos parceiros. Da Direção, da Coordenação e dos colegas. Ficou uma coisa que nem de irmão, que você briga, briga, briga, mas na hora do vamos ver tá todo mundo junto. Acho que fui muito feliz nessas parcerias. Muitos afetos.

Depoimento concedido em 27 de outubro de 2021, na Escola Vera Cruz



Uma realização da Escola Vera Cruz | 2021

